O JOGO DAS RIMAS: ESTIMULANDO A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA DE CRIANÇAS COM DISLEXIA

THE GAME OF RHYMES: STIMULATING THE PHONOLOGICAL AWARENESS OF CHILDREN WITH DYSLEXIA

EL JUEGO DE LAS RIMAS: ESTIMULANDO LA CONCIENCIA FONOLÓGICA DE NIÑOS CON DISLEXIA

Kauany Staudt Gonçalves[1]
Jeize de Fátima Batista[2]
Cleusa Inês Ziesmann[3]

RESUMO
Este trabalho tem por objetivo buscar uma metodologia que auxilie o desenvolvimento da consciência fonológica de crianças diagnosticadas com Dislexia. Para isso, buscamos, a partir de um diálogo com uma equipe de profissionais da área da saúde como Neuropsicopedagogas, Neurologista, Fonoaudióloga e Psicóloga, idealizar um jogo de rimas, que foi desenvolvido e aplicado em um grupo de crianças de uma escola da rede Municipal de Cerro Largo- RS. À vista disso, com base nos pressupostos teóricos de Almeida (2009), Batista (2017), Cândido (2013), Castrillon (2013), Carvalho (2014), Capellini (199), Cunha Neves (2014), Dehaene (2012). Este trabalho foi dividido em quatro capítulos: o que é Dislexia, conceitos e definições; o papel da escola frente ao aluno com Dislexia; a importância do acompanhamento dos profissionais especializados junto ao professor; e, por fim, o jogo como ferramenta de apoio pedagógico para essas crianças. Partindo-se então, das observações levantadas, após um mês de treinamento com o jogo das rimas, constatamos que os participantes demonstraram melhora significativa em relação ao desenvolvimento da habilidade de consciência fonológica. Observamos que os casos mais leves de Dislexia apresentaram maior grau de desenvolvimento do que os participantes com estágios de Dislexia mais avançados, entretanto, todo o avanço é considerado positivo, independente do grau de melhora.
PALAVRAS-CHAVE: jogos inclusivos; transtorno em dislexia; ensino e aprendizagem.

ABSTRACT
This work aims to find a methodology that helps the development of phonological awareness in children diagnosed with Dyslexia. To achieve this, we sought, based on a dialogue with a team of health professionals such as Neuropsychopedagogues, Neurologists, Speech Therapists and Psychologists, to create a rhyming game, which was developed and applied to a group of children from a municipal school. from Cerro Largo-RS. In view of this, based on the theoretical assumptions of Almeida (2009), Batista (2017), Cândido (2013), Castrillon (2013), Carvalho (2014), Capellini (199), Cunha Neves (2014), Dehaene (2012) . This work was divided into four chapters: what is Dyslexia, concepts and definitions; the role of the school towards students with Dyslexia; the importance of monitoring specialized professionals with the teacher; and, finally, the game as a pedagogical support tool for these children. Based on the observations made, after a month of training with the rhyming game, we found that the participants demonstrated significant improvement in relation to the development of their phonological awareness skills. We observed that milder cases of Dyslexia showed a greater degree of

[1] Graduada em Licenciatura em Letras- Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Foi membro do grupo de pesquisa GEPETEC e bolsista da UFFS. Orcid: https://orcid.org/0009-0008-4004-6034. E-mail: kauanystaudt070@gmail.com
[2] Doutora em Letras Doutora em letras pela UniRitter. É professora na Universidade Federal da Fronteira Sul /campus Cerro Largo/RS. Líder do grupo de Estudos e Pesquisas GEPETEC da UFFS de Cerro Largo/RS. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-1301-050X. E-mail: jeize.batista@uffs.edu.br
[3] Doutora em Educação pela PUCRS. Professora permanente do Programa de Pós-graduação Profissional em Educação (PPGPE) no Campus Erechim/RS. É professora na Universidade Federal da Fronteira Sul /campus Cerro Largo/RS. Líder do grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial/Inclusiva - GEPEI e membro do grupo de Estudos e Pesquisas GEPETEC da UFFS de Cerro Largo/RS. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7114-5432 . E-mail: cleusa.ziesmann@uffs.edu.br

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

development than participants with more advanced stages of Dyslexia, however, all progress is considered positive, regardless of the degree of improvement.
KEYWORDS: inclusive games; dyslexia disorder; teaching and learning.

RESUMEN
Este trabajo tiene como objetivo encontrar una metodología que ayude al desarrollo de la conciencia fonológica en niños diagnosticados con Dislexia. Para lograrlo, se buscó, a partir del diálogo con un equipo de profesionales de la salud como Neuropsicopedagogos, Neurólogos, Logopedas y Psicólogos, crear un juego de rimas, el cual fue desarrollado y aplicado a un grupo de niños de una escuela municipal de Cerro Largo-RS. Ante esto, a partir de los supuestos teóricos de Almeida (2009), Batista (2017), Cândido (2013), Castrillon (2013), Carvalho (2014), Capellini (199), Cunha Neves (2014), Dehaene (2012). Este trabajo se dividió en cuatro capítulos: qué es la Dislexia, conceptos y definiciones; el papel de la escuela hacia los estudiantes con Dislexia; la importancia del acompañamiento de profesionales especializados con el docente; y, finalmente, el juego como herramienta de apoyo pedagógico a estos niños. Con base en las observaciones realizadas, luego de un mes de entrenamiento con el juego de rimas, encontramos que los participantes demostraron una mejora significativa en relación al desarrollo de sus habilidades de conciencia fonológica. Observamos que los casos más leves de Dislexia mostraron un mayor grado de desarrollo que los participantes con etapas más avanzadas de Dislexia, sin embargo, todo progreso se considera positivo, independientemente del grado de mejora.
PALABRAS CLAVE: incluyendo juegos; trastorno de dislexia; enseñando y aprendiendo.

INTRODUÇÃO

A partir deste artigo, objetivamos apresentar uma metodologia que auxilie o desenvolvimento da consciência fonológica[4] de crianças diagnosticadas com Dislexia. Para tanto, a partir de um diálogo com profissionais da área da saúde, como Neuropsicopedagogas, Neurologista, Fonoaudióloga e Psicóloga, idealizamos um jogo de rimas, que foi desenvolvido e aplicado em um grupo de crianças de uma escola da rede Municipal de Cerro Largo- RS. A escolha dessa escola se deu porque a mesma é parceira no projeto de pesquisa, EDITAL Nº 89/GR/UFFS/2022, que estamos desenvolvendo, em que o público alvo são as crianças com Dislexia.

Para isso, primeiramente entramos em contato com profissionais especializados, sendo uma Neuropsicopedagoga do município de Santa Rosa- RS e um grupo de profissionais que atua na Associação Brasileira de Dislexia de São Paulo (Neurologista, Neuropsicopedagoga, Psicóloga e uma Fonoaudióloga) e, a partir de vários diálogos, que aconteceram de forma online, via e-mail (questionário), Webex e WhatsApp, desenvolvemos o jogo, levando em consideração o uso das rimas para o desenvolvimento da consciência fonológica das crianças. Como referencial bibliográfico, utilizamos os aportes de Almeida (2009), Batista (2017), Cândido (2013), Castrillon (2013), Carvalho (2014), Capellini (199),

[4] Consciência Fonológica é, segundo Magda Soares a "[...] capacidade de focalizar os sons das palavras, dissociando-as do seu significado e de segmentar as palavras nos sons que as constituem" (SOARES, 2016, p. 166).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

Cunha Neves (2014), Dehaene (2012), que trabalham o funcionamento neurológico da leitura e o uso dos jogos nesse processo. Como a Dislexia é um transtorno que afeta o desenvolvimento da leitura, o jogo prevê reconhecimento de letras, sílabas, palavras, bem como sua relação grafo-fonêmica e o desenvolvimento da consciência fonológica para rimas.

Diante disso, acreditamos que este estudo seja bastante significativo, pois além de pensar em metodologias que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem de crianças diagnosticadas com Dislexia, também promoveu espaços de diálogo entre professor e equipe especializada da área médica, buscando, nessa ponte, entender alguns processos que envolvem o transtorno e encontrar caminhos para uma educação mais inclusiva.

Assim, o jogo foi desenvolvido e aplicado durante trinta dias, em um grupo de alunos que participa do projeto[5] de pesquisa intitulado "O software como ferramenta de ensino: estimulando a leitura em crianças diagnosticadas com Dislexia". Destacamos, ainda, que a escolha por este grupo de participantes deu-se por já serem membros integrantes do nosso projeto institucional de pesquisa - UFFS- Cerro Largo (autora bolsista e orientadora pesquisadora).

É muito importante entender que a Dislexia não se dá por ocasião de uma má alfabetização ou falta de interesse do aluno. À vista disso, é essencial conhecer e entender as causas, os tipos e os sintomas desse transtorno, de forma que o educador possa trabalhar a partir de um diagnóstico mais preciso e, assim, encontrar respostas para este educando que necessita de auxílio no âmbito escolar.

Cândido (2013) analisa a dislexia como um transtorno de aprendizagem, caracterizado por dificuldades na leitura, interpretação e escrita, e destaca que há várias teorias buscando explicar suas causas. Neste contexto, a perspectiva de Educação Inclusiva, conforme destacada por Mendes (2002), representa uma aplicação prática do movimento global de inclusão social. Este movimento propõe um novo paradigma, centrado na construção bilateral, onde as pessoas excluídas e a sociedade colaboram para efetivar a equiparação de oportunidades. Assim, a busca por uma sociedade democrática é evidenciada, onde a cidadania é universal, a diversidade é respeitada, e as diferenças são politicamente aceitas e reconhecidas. Em meio a esse cenário, a compreensão da dislexia no contexto educacional

[5] O projeto, por envolver seres humanos, foi encaminhado e aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa CAAE: 43597521.1. 0000.5564. 65

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

pode ser enriquecida pela adoção de práticas inclusivas que promovam a equidade e a valorização da diversidade.

Desse modo, percebemos que a educação inclusiva defende o direito de todas as pessoas, independentemente de suas diferenças ou necessidades, de terem acesso à educação de qualidade em um ambiente inclusivo. Essa abordagem reconhece que cada indivíduo é único, com suas habilidades, interesses e necessidades específicas e busca garantir que todos os estudantes tenham igualdade de oportunidades de aprendizagem.

Para efetivar a educação inclusiva é necessário criar um ambiente escolar acolhedor, onde todos os estudantes se sintam valorizados e respeitados. Isso requer a implementação de práticas pedagógicas diversificadas, adaptação de currículos, estratégias de ensino diferenciadas, suporte individualizado e a disponibilização de recursos e tecnologias assistivas[6] quando necessário.

Nesse sentido, é importante abordar a Dislexia nas escolas de forma inclusiva, fornecendo suporte adequado aos alunos com esse transtorno. Lembrando que cada aluno com Dislexia é único, e as estratégias de suporte devem ser adaptadas às suas necessidades individuais. O objetivo é garantir que esses alunos tenham acesso igualitário à educação e possam desenvolver todo o seu potencial tanto escolar quanto pessoal.

Sendo assim, este trabalho busca apresentar os resultados da produção e aplicação de um jogo inclusivo, específico para Dislexia, a partir das rimas, pois acreditamos que desafios envolvendo a relação som-grafema possam desempenhar um papel significativo no desenvolvimento da consciência fonológica e pode ser especialmente benéfico para alunos com Dislexia. Salientamos que a consciência fonológica é a capacidade de identificar e manipular os sons da fala e é um componente fundamental para a aquisição da leitura e escrita.

Desse modo, este trabalho divide-se em várias seções, sendo a primeira relacionada ao conceito de Dislexia, seguida da apresentação da metodologia de pesquisa, Na sequência, refletiremos sobre o papel da escola frente ao aluno disléxico, logo em seguida, apresentaremos a descrição e análise do jogo desenvolvido e aplicado, terminando com as conclusões a partir deste estudo.

[6] Tecnologia Assistiva (TA) é um termo utilizado para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover vida independente e inclusão (BERSCH; TONOLLI, 2006, p. 02).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

O que é dislexia?

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2016), a Dislexia é apontada como um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, identificada pela dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e de soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas.

Conforme afirma Dehaene (2012), em grande parte dos casos, pode-se associar a Dislexia a um déficit na manipulação mental dos fonemas. São diversas características que distinguem o cérebro das crianças normais, das disléxicas: existe uma anomalia que está ligada a alterações na conectividade do lobo temporal; entretanto, sua ativação no curso da leitura é insuficiente. Dessa forma, a escola, os pais e o profissional especializado têm um papel fundamental no trabalho com crianças que apresentam esse transtorno de aprendizagem.

Assim, para Batista, Gonçalves e Ziesmann (2020, p. 22), "as pessoas com Dislexia demandam dificuldades em reconhecer letras e palavras, bem como em interpretar e compreender informações apresentadas sob a forma escrita". Crianças com transtorno em Dislexia não significa serem menos inteligentes do que as demais, nem preguiçosa ou incapaz, pois embora elas possam vir apresentar dificuldade na leitura e escrita, desempenham muito bem as atividades relacionadas à criatividade, por exemplo. A diferença está no tempo que ela pode levar para aprender determinado assunto, pois possui uma leitura mais lenta, comprometendo, assim, também, a interpretação.

Hulme e Snowling (2013), ressaltam que os problemas que os leitores comprometidos apresentam na aquisição da consciência fonológica são confirmados por diferenças robustas entre essas crianças e seus pares de desenvolvimento típico em medidas que avaliam a sensibilidade a rimas, segmentação fonêmica, síntese sonora e medidas afins da consciência fonológica. Os autores agregam que a Dislexia poderia ser mais adequadamente definida como um transtorno básico e amplo que afeta a capacidade da criança decodificar a escrita.

A seguir, apresentaremos a classificação da Dislexia de forma mais minuciosa, baseada no tipo de dificuldade apresentada e acrescentando, ainda, as categorias visuais e

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

auditivas do transtorno conforme Cunha Neves (2014, p.28).

> • **Dislexia disfonética:** Dificuldades de percepção auditiva na análise e síntese de fonemas, dificuldades temporais, e nas percepções da sucessão e da duração (troca de fonemas e grafemas por outros similares, dificuldades no reconhecimento e na leitura de palavras que não têm significado, alterações na ordem das letras e sílabas, omissões e acréscimos, maior dificuldade na escrita do que na leitura, substituição de palavras por sinônimos); • **Dislexia diseidética:** dificuldade na percepção visual, na percepção gestáltica (percepção do todo como maior que a soma das partes), na análise e síntese de fonemas (ler sílaba por sílaba sem conseguir a síntese das palavras, misturando e fragmentando as palavras, fazendo troca por fonemas similares, com maior dificuldade para a leitura do que para a escrita); • **Dislexia visual:** deficiência na percepção visual e na coordenação visomotora (dificuldade no processamento cognitivo das imagens);
> • **Dislexia auditiva:** deficiência na percepção auditiva, na memória auditiva e fonética (dificuldade no processamento cognitivo do som das sílabas); •**Dislexia mista:** que seria a combinação de mais de um tipo de dislexia.

Cabe destacar ainda, que a Dislexia, sendo considerada um problema genético e hereditário, apresenta como causa alterações celulares no cérebro, o que dá origem a um funcionamento diferente dele. Pesquisas ressaltam que os indivíduos não disléxicos utilizam três áreas do cérebro durante a realização da leitura, enquanto em uma pessoa com Dislexia ocorre pouca ativação nas regiões próximas do cérebro e um aumento na atividade da região frontal inferior.

Dehaene (2012) ressalta que o cérebro da criança compreende milhões de circuitos redundantes que podem se compensar um ao outro; e que, enfim, nossa capacidade de intervenção não é nula: cada aprendizagem nova modifica a expressão de nossos genes e transforma nossos circuitos neuronais.

Nesse mesmo sentido, Almeida (2009) sustenta que o cérebro necessita de estímulo, enfatizando que, independentemente da riqueza da herança genética, a inatividade não resultará em avanços automáticos. Portanto, é crucial que pais e educadores de crianças com dislexia não se entreguem à desesperança; ao contrário, devem perseverar na busca por tratamento e suporte de forma contínua. Mesmo diante de suas limitações, a criança tem o potencial de superar obstáculos e progredir em direção a melhorias e aquisições de aprendizado.

Dessa forma, é importante enfatizar, neste estudo, que a consciência fonológica se relaciona à habilidade de manipular não apenas os sons individuais, mas também as sílabas, as partes das sílabas (rimas) e as palavras. Várias pesquisas comprovam a importância do desenvolvimento da consciência fonológica para a aquisição da leitura e escrita e apontam

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

que atrasos nesse processo de aquisição estão relacionados a lacunas no desenvolvimento da consciência fonológica. Portanto, o desenvolvimento da mesma, favorece a generalização e a memorização das relações entre as letras e os sons.

Conforme apresenta Costa (2012, p. 16):

> A consciência fonológica encontra-se no contexto da consciência linguística e configura-se como a capacidade que o ser humano possui de refletir e manipular as unidades fonológicas (sílabas, as unidades intrassilábicas e os fonemas). A consciência fonológica assume importância especial para aquisição da língua escrita em línguas com escrita alfabética já que nestas são estabelecidas relações entre os fonemas (no nível da linguagem oral) e os grafemas (no nível da linguagem escrita).

A consciência fonológica consiste no reconhecimento pelo indivíduo de que as palavras são formadas por vários sons diferentes, sendo elas manipuláveis, devendo assim não só considerar a capacidade de reflexão, mas como também a de operação com fonemas, sílabas, rimas e suas alterações. Esta consciência é construída com o avançar nas atividades de alfabetização, atividades que estimulam os níveis de consciência fonológica. Soares, (2020, p. 78) afirma que:

> O desenvolvimento da consciência fonológica associa-se à aprendizagem das letras. Inicialmente, a criança aprende que a palavra é uma cadeia sonora representada por uma cadeia de letras, e compreende a diferença entre o significante e o significado - consciência lexical. Em seguida, a criança torna-se capaz de segmentar a cadeia sonora da palavra em sílabas, e representa as sílabas por conjuntos de letras - consciência silábica. Finalmente, ela identifica fonemas das sílabas e os representa por letras - consciência fonêmica.

Cabe enfatizar, que aprimorar a consciência fonológica desde cedo é necessário, pois a mesma facilita a aprendizagem contribuindo para o desenvolvimento de competências no domínio da leitura e escrita, permitindo que as crianças disléxicas ultrapassem dificuldades nesses aspectos, buscando um melhor aperfeiçoamento.

Partindo disso, as rimas foram escolhidas para este trabalho, por atuarem diretamente no desenvolvimento da consciência fonológica das crianças, como meio de desenvolvimento da elasticidade cerebral, uma vez que busca a relação entre sons e grafemas, o que é uma das dificuldades do disléxico.

Assim, diante da necessidade de ferramentas de apoio pedagógico inclusivo, procuramos enfatizar a importância deste trabalho, que busca aplicar um jogo de rimas desenvolvido para auxiliar na aprendizagem de leitura de crianças e jovens diagnosticados com Dislexia, expandindo cada vez mais a consciência fonêmica, mostrando meios de

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

intervenções. Na próxima seção, iremos detalhar a metodologia utilizada neste estudo, bem como os passos necessários para pensarmos e idealizarmos o jogo.

Aspectos metodológicos

O presente artigo é de natureza qualitativa e quantitativa, inserindo-se na modalidade de estudo de caso, com foco reflexivo, analítico e investigativo por meio de pesquisa bibliográfica embasada nos pressupostos teóricos de Almeida (2009), Batista (2017), Cândido (2013), Castrillon (2013), Carvalho (2014), Capellini (199), Cunha Neves (2014), Dehaene (2012), os quais abordam a questão de aprendizagem voltada à educação inclusiva e aos jogos pedagógicos como instrumentos de aprendizagem. Além disso, a pesquisa conta com o apoio e conhecimento profissional especializado de médicos das áreas de neurologia, neuropsicopedagogia, psicologia e fonoaudiologia, inclusive, como já mencionamos neste estudo, os que atuam na Associação Brasileira de Dislexia, trabalhando diretamente com casos e níveis diferenciados de crianças e jovens com Dislexia.

Primeiramente, elaboramos um questionário com questões voltadas à Dislexia. Esse questionário foi enviado por e-mail para a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), como também encaminhado via WhatsApp para a Neuropsicopedagoga da cidade de Santa Rosa. Vale mencionar que essa profissional foi indicação de uma colega do curso de Letras, que realiza acompanhamento médico. Entre as questões elaboradas no questionário, a última era sugestões referente a jogos pedagógicos inclusivos para trabalhar com as crianças disléxicas. Todos os profissionais retornaram o questionário, respondido.

A partir disso, foram apresentadas múltiplas ideias, opções de jogos e dinâmicas que pudessem servir como ferramentas para o desenvolvimento da consciência fonológica das crianças. Após várias reuniões que se deram na sequência (via Webex e WhatsApp), optamos pelo jogo da rima por ser uma didática que permite que os alunos reconheçam os fonemas das palavras ao buscar as rimas, estimulando de maneira lúdica e prazerosa a associação de rimas em palavras, e dessa forma, facilite o processo de consciência fonêmica.

Destacamos, também, que durante as reuniões online, houve várias discussões sobre o transtorno da Dislexia, como ideias de métodos e orientações específicas para auxiliar os alunos. Os encontros foram muito ricos e acrescentaram muito, não só para o desenvolvimento do jogo, como também para o nosso conhecimento sobre a Dislexia.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

Ressaltamos, neste estudo, a importância da escola em manter um diálogo constante com os profissionais da saúde que atendem e acompanham as crianças, e ao mesmo tempo, trazer a família para a escola, a fim dela também saber como estimular e incentivar a aprendizagem da criança.

Apontamos, mais uma vez, que os alunos que interagiram com o jogo foram os mesmos participantes do projeto de pesquisa, intitulado "O software como ferramenta de ensino: estimulando a leitura em crianças diagnosticadas com Dislexia", coordenado pela orientadora desta pesquisa, no qual a pesquisadora é bolsista[7]. A partir de muitas conversas com o grupo de profissionais e, após, reuniões online, o jogo começou a ganhar forma e sendo idealizado de maneira conjunta.

Cabe ressaltar que as atividades desenvolvidas servem como incentivo para expandir a consciência fonêmica, a partir da identificação e reconhecimento de letras, palavras e sílabas, analisando suas ações (processos e desenvolvimento das habilidades de leitura) por meio da comparação dos desempenhos obtidos em testes de leitura realizados antes e após a utilização do jogo.

Assim sendo, com base nos pressupostos teóricos estudados, este trabalho buscou desenvolver e aplicar, em crianças de 08 (oito) a 12 (doze) anos, diagnosticadas com Dislexia, um jogo pedagógico inclusivo, analisando sua eficácia mediante atividades de pré-teste e pós-teste de leitura. Como destacado anteriormente, a construção do jogo deu-se por meio de um diálogo entre pesquisadora, orientadora e profissionais da área médica, pensando nas especificidades do transtorno, de forma a auxiliar os alunos no desenvolvimento da consciência fonológica a partir das rimas.

Portanto, esperamos que esta pesquisa possa contribuir de forma significativa para as questões de metodologias voltadas ao ensino e aprendizagem de crianças com Dislexia no ambiente escolar, bem como, fazer com que esses alunos se sintam incluídos no sistema de ensino, sem julgamentos e pré-conceitos, promovendo momentos ímpares e de muita troca de aprendizagem. Também, julgamos este trabalho de extrema importância, pelo diálogo com a área da saúde, a qual é fundamental no diagnóstico e tratamento das crianças que apresentam esse transtorno.

[7] Bolsista Edital N° 89/GR/UFFS/2022 – Fomento à Iniciação Científica Tecnológica e Inovação e Fomento à Pesquisa com ênfase na pós-graduação stricto sensu da UFFS. Projeto intitulado: O software como ferramenta de ensino: estimulando a leitura em crianças diagnosticadas com dislexia.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

O papel da escola frente ao aluno com dislexia

A escola é um ambiente de grande relevância e aprendizado na vida das crianças. Faz-se necessário que o ambiente escolar esteja preparado para amparar os alunos com transtornos ou com deficiências, os quais sejam realmente incluídos, promovendo um espaço acolhedor e marcante na vida do aluno. Sabemos que dependendo da deficiência e do tipo de transtorno é importante verificar as particularidades e especificidades de cada um, para que possam participar plenamente das atividades educacionais.

Nesse sentido, a escola desempenha um papel fundamental no apoio e na inclusão de alunos com Dislexia. Como vimos anteriormente, a Dislexia é um transtorno específico de aprendizagem que afeta a habilidade de ler, escrever e soletrar de forma adequada. Assim, cabe ao sistema de ensino oferecer recursos necessários para garantir a inclusão e o desenvolvimento educacional do aluno com Dislexia, pois ao identificar precocemente as dificuldades, fornecer adaptações curriculares, oferecer suporte individualizado, capacitar os professores, envolver a família e promover a sensibilização, a escola pode ajudar o aluno a superar os desafios da Dislexia e alcançar seu potencial máximo.

A Educação Inclusiva, prevista na Constituição Federal de 1988 e reafirmada pela Lei n° 13.146/2015 garante o acesso e a permanência das crianças e pessoas com deficiência à escola. A questão que se impõe, entretanto, é quanto à forma como ocorre o acesso ao currículo proposto. Carvalho (2014, p. 110), enfatiza que "[...] a proposta da inclusão é muito mais abrangente e significativa do que o simples fazer parte (de qualquer aluno), sem assegurar e garantir sua ativa participação em todas as atividades dos processos de ensino-aprendizagem, principalmente em sala de aula". Segundo Stainback e Stainback (1999, p. 21):

> A educação inclusiva pode ser definida como a prática da inclusão de todos, independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural em escolas e salas de aula provedoras, em que as necessidades desses alunos sejam satisfeitas.

Uma educação efetivamente inclusiva, somente irá acontecer em um meio escolar que aceite e respeite as necessidades de cada aluno de maneira compatível. Cabe acentuar, que o papel da escola frente a alunos com deficiência ou transtornos (como a Dislexia) vai além do cumprimento de leis e regulamentos. A escola deve estar comprometida com a

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

promoção da inclusão e com o respeito à diversidade, buscando proporcionar a todos os estudantes uma educação de qualidade, onde cada um possa desenvolver seu potencial máximo.

No cenário brasileiro, ainda há desafios significativos a serem superados para alcançar uma educação inclusiva nas escolas. Embora tenham sido feitos progressos nos últimos anos, existem várias questões que demandam atenção e ação contínua como investimentos na infraestrutura e acessibilidade, formação de professores, recursos e apoio especializado, adaptações curriculares e materiais didáticos acessíveis, assim como implementação de políticas públicas efetivas.

Entretanto, apesar dos desafios, é importante reconhecer os esforços de muitas escolas, educadores, famílias e organizações da sociedade civil que têm trabalhado para promover a inclusão educacional no Brasil. A conscientização sobre a importância da educação inclusiva está aumentando, e há uma crescente demanda por mudanças nessa área. Com ações contínuas, como buscas por metodologias de auxílio e políticas efetivas é possível avançarmos na construção de uma educação inclusiva e equitativa para todos os estudantes, nesse caminho, é o que este trabalho busca fazer.

Compreendemos que não há cura para o transtorno de Dislexia, mas existem muitos meios de reeducação para aprimorar o desenvolvimento humano. Os disléxicos devem sempre ser incentivados a prosseguir seus estudos, buscando, a todo momento, ampliar seus conhecimentos e habilidades cognitivas. É importante o professor repensar estratégias para passar atividades básicas para seus alunos, como lição de casa, para ser praticada no fim de semana, pois o momento do estudo em casa é mais do que necessário e, com certeza, faz muita diferença na escola.

Outro aspecto importante de enfatizar é a presença significativa dos educadores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas instituições de ensino. Foi implantada a Lei Nº 9.394/96 que prevê esses profissionais no contexto escolar, fazendo com que sejam um suporte para os professores e um auxílio de vasta importância para as crianças. Essa lei instituída faz parte do decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011 que dispõe sobre a educação especial, e dá outras providências em síntese, a mesma estabelece o Atendimento Educacional Especializado, indicando o desenvolvimento de atividades e recursos pedagógicos especiais que possam atender às especialidades das deficiências apresentadas em alguns alunos, do ensino regular, que apresentem algum tipo de limitação, seja de forma

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

psicológica e/ou física.

Os profissionais do AEE desempenham um papel bastante expressivo e que merece total reconhecimento, papel esse, que vai muito além da sala de aula. O profissional da educação responsável pelo trabalho pedagógico com crianças com deficiências deve exercer seu empenho através das propostas de conteúdos programáticos pelo professor regente, levando em conta as condições dos alunos com necessidades específicas. O professor do AEE precisa estar preparado para desempenhar um trabalho educacional e, mais ainda, humanista, haja vista o cuidado, a consideração, o respeito que este deverá envolver em sua prática pedagógica.

De acordo com a Resolução nº4 de de 2 de outubro de 2009, que institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial, em seu art. 5º, recomenda que o AEE, preferencialmente deve ser

> [...] realizado, prioritariamente, na sala de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns, podendo ser realizado, também, em centro de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a Secretaria de Educação ou órgão equivalente dos Estados, Distrito Federal ou dos Municípios.

À vista disso, o professor do Atendimento Educacional Especializado desempenha um papel essencial na promoção da inclusão e no desenvolvimento educacional de pessoas com deficiências ou transtornos de aprendizagem. Seu trabalho visa oferecer suporte pedagógico especializado, personalizar o ensino, promover a igualdade de oportunidades e estabelecer parcerias com professores, famílias e profissionais da saúde contribuindo para o pleno desenvolvimento dos alunos e sua participação ativa na sociedade.

Com esse atendimento e com o apoio da comunidade escolar, as crianças com Dislexia podem alcançar resultados extremamente positivos. Com o devido suporte e intervenções adequadas, as crianças com Dislexia têm a capacidade de desenvolver habilidades de leitura e compreensão. Embora a Dislexia possa apresentar desafios na aprendizagem, com o suporte certo, as crianças podem aprender estratégias compensatórias e utilizar recursos que as ajudem a superar essas dificuldades.

Devemos compreender de fato, que as crianças disléxicas são normais e não possuem uma doença, mas sim um desvio, uma dificuldade que implica de maneira ampla a leitura.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

Dessa maneira, devemos respeitá-los e acabar com qualquer preconceito que há no espaço escolar e fora dele, promovendo a inclusão dessas crianças no sistema de ensino. Ensinar um aluno que apresenta algumas dificuldades é estar em constante aperfeiçoamento, é adaptar-se a novas metodologias capazes de atender às limitações de cada aluno, respeitando seu tempo de aprendizagem e valorizando seus avanços.

Para além disso, o professor precisa de cursos de formação continuada, bem como de leituras para que possa compreender o funcionamento das dificuldades dos alunos e, assim, buscar métodos qualificados para auxiliá-lo no processo de ensinar. Salientamos, ainda, que o diálogo entre escola e os profissionais especializados da área da saúde é fundamental para o avanço na aprendizagem das crianças com Dislexia.

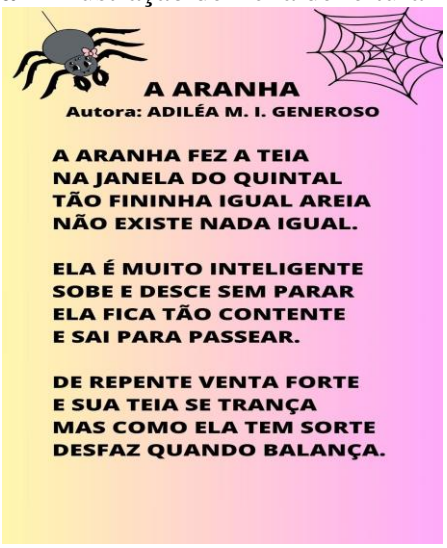
Descrição e análise do jogo

Como dito anteriormente, este trabalho foi desenvolvido com um grupo de participantes do nosso projeto de pesquisa em desenvolvimento, intitulado "O software como ferramenta de ensino: estimulando a leitura em crianças diagnosticadas com Dislexia". O jogo pedagógico inclusivo foi produzido com auxílio de profissionais da área da saúde, os quais têm grande conhecimento acerca desse transtorno. Após o jogo das rimas ser idealizado, o mesmo foi aplicado para um grupo de 04 (quatro) alunos, com idade entre 08 (oito) e 12 (doze) anos, estudantes do Ensino Fundamental da rede municipal de Cerro Largo.

Este estudo transcorreu a partir de uma pré-leitura do poema "A ARANHA", da autora Adiléa Generoso, momento no qual foram arroladas as maiores dificuldades das crianças. A leitura realizada pelos participantes foi gravada individualmente, de forma que o material ficasse disponível para a produção dos dados e análise posterior à aplicação. Salientamos que, mesmo os participantes apresentando níveis de escolaridade e idade distintos, o texto foi escolhido por atender a todos, considerando os sintomas da Dislexia. Esse poema foi indicação da fonoaudióloga, pois é aplicado com as crianças que ela atende em seu consultório, a partir do qual se permite trabalhar a questão das rimas, envolvendo o aspecto de desenvolvimento da consciência fonológica. O poema contém três (03) estrofes, sendo que em cada estrofe há duas (02) palavras que rimam, totalizando seis (06) palavras no final, como podemos ver abaixo:

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

Figura 1- Ilustração de ficha de leitura



Fonte:https://www.canva.com/design/DAFlE6gizZo/yRI0UiKrqovjobCNYTJLeg/edit?analyticsCorrelationId=824e0915-0518-4722-a4f2-5eb9e954f046.

Segundo a autora Batista (2017, p.73), "a leitura do disléxico se dá de maneira silábica, devido a déficits básicos na codificação fonológica ou falta de organização segmental no nível das palavras, bem como em virtude de transtornos relativos à consciência fonológica". Dessa forma, o aluno disléxico soletra as letras e sílabas com uma vasta dificuldade, buscando associar os sinais gráficos a um som da língua para, assim, chegar à palavra.

Portanto, considerando que as dificuldades citadas acima apareceram na aplicação do pré-teste de leitura com os participantes desta pesquisa, as atividades presentes no jogo foram desenvolvidas com o propósito de expandir a consciência fonológica no grau das sílabas, palavras e sons.

Para que o processo de alfabetização aconteça nas crianças, é necessário que durante o seu desenvolvimento, aprendam a associar os sons falados aos dos fonemas, com a sua respectiva representação gráfica, entretanto, crianças que possuem Dislexia têm dificuldade em realizar essa atividade. Na área de fonoaudiologia, são realizados jogos educativos que envolvem consciência fonológica, entre eles, a rima, a qual foi aplicada no trabalho. Também buscamos trabalhar a memória auditiva, visual e as funções atencionais[8].

É importante apontarmos para o fato de que a proposta do jogo da rima partiu das reuniões feitas entre a pesquisadora e as profissionais da área da saúde, considerando que

[8] É a capacidade do sujeito para enfocar e concentrar sua mente em algum aspecto do ambiente ou na mente mesma e a capacidade de responder seletivamente a determinados estímulos (Baptiste, 1997).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

para o aluno disléxico a rima pode oferecer suporte ao desenvolvimento da consciência fonológica, que é uma habilidade frequentemente afetada pela Dislexia. Ademais, ao elaborarmos o jogo partindo do poema, consideramos as palavras no contexto de uso e não aleatoriamente, sem sentido.

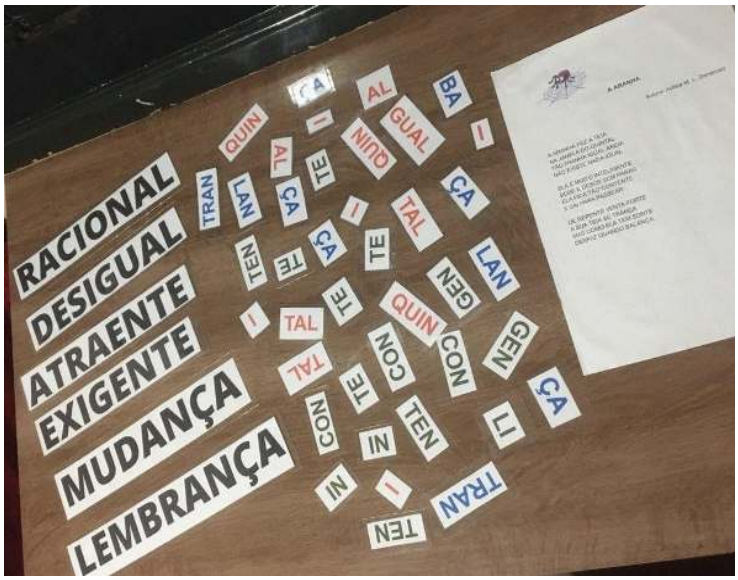
Além disso, pensamos em um jogo de rimas por ser uma ferramenta divertida e eficaz para auxiliar no desenvolvimento da leitura das crianças. Ao envolvê-las em atividades lúdicas e interativas, os jogos de rimas podem ajudar a fortalecer a consciência fonológica e a conexão entre sons e palavras. Para Castrillon (2013, p.397):

> Os jogos remediativos devem ser utilizados de forma intensiva e sistemática, para que novas aprendizagens e competências executivas sejam fixadas e generalizadas. O uso de jogos tem o objetivo de promover o desenvolvimento de competências específicas em duas grandes áreas: codificação/ decodificação (mecânica) e compreensão (semântica). O aluno disléxico deve ter acesso a esta instrução suplementar fora da sala de aula, com o educador especializado, que irá escolher os melhores instrumentos e orientar na execução das atividades.

Nesse caminho, Dehaene (2012) também propõe os jogos como forma de reeducação cerebral. Ressalta que os jogos mais competitivos detectam o nível da criança, e podem estimular avanços significativos na leitura. O autor destaca, ainda, que há mais de vinte anos uma série de especialistas da área da leitura vêm desenvolvendo estratégias de reeducação cerebral por meio dos jogos. O objetivo da maior parte dessas estratégias é expandir a consciência fonêmica por meio de manipulações de letras e de sons. Assim, é possível perceber que as atividades com jogos pedagógicos inclusivos podem tornar-se ferramentas capazes de auxiliar para um melhor progresso da aprendizagem de crianças com Dislexia. Novos métodos de ensino podem e devem ser desenvolvidos para minimizar dificuldades específicas, eliminando assim as barreiras que esses alunos encontram em seus percursos escolares, tornando-os capacitados para um melhor avanço educacional. Alicerçados nisso, a ilustração abaixo, apresentará o jogo desenvolvido nesta pesquisa:

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

Figura 2- Ilustração do jogo



Fonte: elaborado pela autora (2023).

O jogo das rimas foi elaborado manualmente, onde selecionamos as 06 (seis) rimas do poema "A ARANHA", sendo elas: quintal, igual, inteligente, contente, trança e balança. As palavras foram construídas por recortes pequenos respeitando a separação silábica. As cores azul, verde e vermelha formam as palavras pares que rimam. Assim, a criança deverá juntar as sílabas para formar as palavras, respeitando as cores (ou não, se ela não perceber), que neste caso servem como uma pista linguística para auxiliar na construção grafo-fonêmica.

Seguindo a orientação da equipe profissional médica, também apresentamos 06 (seis) palavras completas – racional, desigual, atraente, exigente, mudança, lembrança- em uma única cor- preta/ neutra- para servir de ponto de partida para a construção das palavras pequenas separadas por sílabas e cores. As palavras grandes foram escolhidas aleatoriamente, considerando apenas a rima com as demais, não fazendo parte do poema. Aqui, o objetivo era fazer com que a criança ouvisse o som da palavra inicial e por meio dele, buscasse construir outras palavras com sons equivalentes.

O jogo funciona da seguinte maneira: cada participante joga individualmente, realizando primeiramente a leitura do poema. Logo em seguida, são entregues ao aluno diversas sílabas recortadas em uma folha, plastificada, sendo que cada sílaba forma uma palavra, representada por uma das cores mencionadas anteriormente (verde, vermelho e azul). Todas as sílabas ficam dispostas na mesa misturadas. O aluno deve seguir o jogo a

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

partir da instrução da pesquisadora, que tem consigo as palavras grandes. Funcionando da seguinte maneira:

A pesquisadora levanta e mostra ao aluno (cada um na sua vez) as palavras escritas na cor preta e as pronuncia, pausadamente, em voz alta – cada vez um par de palavras que rimam como: racional e desigual. A partir daí, o participante deve encontrar entre as sílabas dispostas, as que correspondem à formação de palavras que rimem com as que estão sendo mostradas pelo pesquisador e que façam parte do poema lido (elas foram instruídas para isso). Cabe ressaltar que não é dito para os participantes que as sílabas que formam uma palavra têm a mesma cor, somente que são palavras do poema. Eles devem verificar isso na medida em que forem montando as palavras. A cada jogada, os pares de palavras grandes são mostradas e repetidas três vezes pelo pesquisador, enquanto as crianças vão organizando e montando as palavras que rimam na mesa, a partir da junção das sílabas, considerando grafia e som. Assim, o jogo continua com as outras duas formações de rimas: atraente/exigente e mudança/lembrança, sendo apresentadas pelo pesquisador, ao mesmo tempo que as crianças devem buscar montar palavras que rimem com as apresentadas. Lembrando que as palavras formadas pelas crianças são as transcritas do poema e já lidas por elas.

Para a interação com o jogo os encontros aconteceram durante um período de 01 (um) mês, sempre uma vez por semana, onde a quinta-feira era o dia destinado para reunir os alunos, no turno da manhã, para aplicar a prática, na sala de recursos multifuncionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE), em uma escola da rede municipal de Cerro Largo. Assim, cada participante pode jogar mais de uma vez, desenvolvendo cada vez mais a consciência fonológica das palavras e a relação grafo-fonêmica das letras, sílabas, palavras e sons. A seguir, apresentaremos como foi esse processo de interação com cada um dos participantes:

Participante A: O participante A é do sexo masculino tem a idade de 10 anos, aluno do 5º ano do Ensino Fundamental, já diagnosticado com Dislexia, possui laudo e acompanhamento com profissionais da área (psicopedagogas), estudante de escola pública da cidade de Cerro Largo. Durante a atividade de pré-teste, que consiste na leitura do poema, o aluno levou a duração de 03 min 39 segs. Apresentou uma leitura silábica, misturando e fragmentando as palavras, fazendo troca por fonemas e grafemas similares e omissões de letras e sílabas. Mostrou fraco empenho em reconhecer grafemas maiúsculos. Só conseguiu ler o título de forma soletrada, pois estava escrito com letras maiúsculas. Na leitura do

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

poema, apresentou muita dificuldade, trocando a palavra “fininha” por “fitinha”, “igual” por “ingual”, “sobe” por “sabe”.

Durante a interação com o jogo, o aluno realizou a montagem de todas as palavras em um tempo de 04 min 49 segs. Quando questionado sobre “qual palavra do poema rima com exigente?", o participante montou a palavra “gente” ao invés de montar a palavra “inteligente” que era a utilizada no poema. O aluno teve bastante dificuldade em montar a palavra que rima com “mudança”, pois ficou confuso com tantas sílabas espalhadas sobre a mesa não atentando para as cores. Outro ponto a destacar é que ele formava a palavra misturando duas cores, por exemplo, a sílaba verde com a azul, não observando as pistas linguísticas propostas. Apresentamos um exemplo que foi reproduzido pelo participante na questão: “qual palavra do poema rima com atraente?”, o aluno montou a palavra “tetran” o “te” na cor verde e o “tran” na cor azul. Vemos a partir desse exemplo, o alto grau de dificuldade que o participante tem, demonstrando um nível de Dislexia mais avançado.

Segundo a categoria apresentada por Cunha Neves (2014), e apontada no capítulo 2 deste trabalho, o participante A apresentou um quadro de Dislexia diseidética, pois a mesma se caracteriza pela síntese de fonemas (ler sílaba por sílaba sem conseguir a síntese das palavras, misturando e fragmentando as palavras, fazendo troca por fonemas similares, com maior dificuldade para a leitura do que para a escrita).

Durante o percurso das interações essas dificuldades continuaram a aparecer, mesmo que em graus diferentes e menores. Nas últimas jogadas, o participante, por conhecer melhor o jogo e estar mais adaptado às palavras já cometia menos erros, porém as inversões silábicas ainda aconteciam e ele não se deu conta das cores para a formação das palavras. Talvez, num processo de interação maior o aluno conseguisse atingir uma melhor aprendizagem.

Já na pós-leitura do poema, as palavras que tinham sido trabalhadas no jogo foram lidas com uma melhora significativa se comparadas à pré-leitura. Com isso, o participante demonstrou uma evolução, mesmo mantendo algumas dificuldades, que decorrem do nível elevado de Dislexia

Participante B: O participante B é do sexo masculino, tem a idade de 12 anos e frequenta o 5º ano do Ensino Fundamental, já diagnosticado com Dislexia, possui laudo e acompanhamento com profissionais da área (psicopedagoga e fonoaudióloga), estudante de escola pública da cidade de Cerro Largo. Na atividade de pré-teste, o aluno realizou a leitura do poema em duração de 02 min 28segs. Durante a leitura do poema trocou algumas

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

palavras, por exemplo, na frase do poema “de repente venta forte” trocou por “de repente vem vento forte”, “trança” trocou por “barança”, “desfaz” por “desfaiz”. Para realizar a montagem de todas as palavras do jogo o aluno levou a duração de 03 min 48 segs. Ao repetir ao participante “qual palavra do poema rima com lembrança?”, o mesmo montou a palavra “lança, deixando a inicial “ba” de fora. Também repetiu o mesmo processo com a seguinte pergunta: “qual palavra do poema rima com exigente?”, o aluno montou a palavra “gente”, deixando de lado as iniciais, “in”, “te”, “li”. Nas demais palavras, o participante conseguiu montar todas de acordo com o que se esperava, sem misturar as cores e também não deixou sobrar sílabas.

Na classificação de Cunha Neves (2014), o participante B apresenta aspectos de Dislexia diseidética, pois apresenta dificuldade de ler sílaba por sílaba sem conseguir a síntese das palavras, misturando e fragmentando as palavras, fazendo troca por fonemas similares, com maior dificuldade para a leitura do que para a escrita. Entretanto, o seu grau de Dislexia pode ser considerado leve.

Durante o percurso das interações ele foi demonstrando melhoras significativas e nas últimas jogadas quase não apresentou erros na formação de palavras. No pós-teste de leitura já conseguiu pronunciar as palavras “trança” e “desfaz” sem cometer os mesmos erros do pré-teste.

Participante C: O participante C é do sexo masculino, tem a idade de 9 anos, frequenta atualmente o 4º ano do Ensino Fundamental. Durante a atividade de pré-teste, onde foi realizada a leitura do poema, o participante levou a duração de 04min 28seg. A partir do tempo que o aluno levou na leitura, notamos que apresentou muita dificuldade em distinguir grafemas maiúsculos, bem como na junção de sílabas e formação de palavras. O estudante só conseguiu ler o título de forma soletrada, pois estava com letras maiúsculas. Outro aspecto para destacar, é que o aluno se apresentava muito agitado no momento em que tinha que realizar a leitura, mencionando que o poema era muito grande, porém acabou lendo até o fim, mesmo de forma lenta e silábica. Em algumas palavras do poema ele acrescentava uma letra a mais, no caso “igual” ele pronunciava “ingual”, inserindo o “n” na palavra, “desfaz” ele falava “desfaiz”, acrescentando o “i”. Na interação com o jogo das rimas, o participante montou todas as palavras em um tempo de 10min 05seg, demonstrando muito interesse pelo jogo, pois segundo ele tudo era novidade, algo novo e não tinha jogado nada parecido.

Durante a interação, o participante não misturou duas cores em uma palavra só, sendo

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

um ponto positivo em seu desempenho. Quando foi questionado sobre "qual palavra do poema rima com lembrança?", o aluno montou a palavra "lança", deixando de lado a inicial "ba". O mesmo caso aconteceu quando indagado sobre "qual palavra do poema rima com exigente", ele montou a palavra "gente", deixando de lado as sílabas anteriores "in", "te", "li".

Na categorização de Cunha Neves (2014) o participante C apresenta aspectos de Dislexia diseidética e auditiva, pois apresentou dificuldade de ler sílaba por sílaba sem conseguir a síntese das palavras, misturando e fragmentando as palavras, fazendo troca por fonemas similares, com maior dificuldade para a leitura do que para a escrita, como também apresentou dificuldade no processamento cognitivo do som das sílabas.

Após aplicar o jogo das rimas, durante mais encontros realizados, o aluno obteve um avanço, sendo que os erros cometidos no início não se repetiam mais, demonstrando assim, uma leitura positiva de sua prática durante esse um mês. Na atividade de pós-leitura já teve mais firmeza na leitura que foi realizada em menos tempo. As variações "ingual" e "desfaiz" continuaram aparecendo, mas acreditamos ser uma variação linguística regional e não um caso específico ligado à Dislexia.

Participante D: A participante D é do sexo feminino, tem a idade de 9 anos e frequenta o 4º ano do Ensino Fundamental. Enquanto realizava o pré-teste que consiste na leitura do poema, a participante levou um tempo de 09 minutos e 21segundos. Apresentou dificuldade na leitura, mesclando e fragmentando as palavras, fazendo troca por fonemas e grafemas similares e omissões de letras e sílabas. A aluna demonstrou dificuldade na pronúncia de algumas palavras como por exemplo, "fininha" pronunciava "fitinha", "balança" ela só reproduzia "lança". Em relação a interação com o jogo, a aluna montou as palavras em um tempo de 18 min 01 seg. Observamos que nos três primeiros encontros que tivemos para interagir com o jogo, a estudante teve dificuldade nos mesmos aspectos, os quais foram: montar palavras com sílabas de mais de uma cor, por exemplo, na pergunta "qual palavra rima com lembrança?", ela montou a palavra "quinten", a sílaba "quin" na cor verde e a sílaba "ten" na cor azul, além das junções de cores, também não houve correlação semântica, nem grafo-fonêmica entre a palavra destacada e as do poema (não houve rima alguma). Tiveram palavras que ela montou na mesma cor, porém a ordem estava totalmente ao contrário, mas mesmo assim, vemos o quanto ela se esforçou para tentar montar as palavras de acordo com as rimas. Um ponto importante que nos chamou a atenção foi que no

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

primeiro encontro quando indagado sobre "qual palavra do poema rima com exigente?", a aluna montou a palavra "balança", sem correspondência nenhuma, porém foi a única que ela montou na ordem correta das demais.

Nos aportes teóricos de Cunha Neves (2014), a participante D apresentou aspectos de Dislexia mista, apresentando dificuldades de percepção auditiva na análise e síntese de fonemas, troca de fonemas e grafemas por outros similares, dificuldades no reconhecimento e na leitura de palavras que não tem significado, alteração na ordem das letras e sílabas de modo avançado. No decorrer dos outros encontros que realizamos, a aluna manteve alguns erros, porém seu rendimento foi melhorando, mesmo que em um grau menor de desenvolvimento, superou algumas dificuldades.

Na atividade de pós-leitura, a participante ainda teve dificuldades de pronúncia. Melhorou na soletração de algumas palavras que tinha errado na pré-leitura, mas apresentou novos erros de silabação. Dessa forma, percebemos que houve uma melhora na evolução do jogo, mas na leitura, ainda precisa de mais atividades de interação para auxiliar no desenvolvimento da consciência grafo- fonêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi elaborado com o objetivo de buscar uma metodologia que auxilie o desenvolvimento da consciência fonológica de crianças diagnosticadas com Dislexia. Para tanto, buscamos, a partir de um diálogo com uma equipe de profissionais da área da saúde como Neuropsicopedagoga, Neurologista, Fonoaudióloga e Psicóloga, idealizar um jogo de rimas, que foi desenvolvido e aplicado em um grupo de crianças de uma escola da rede Municipal de Cerro Largo- RS, analisando sua eficácia mediante atividades de pré-teste e pós-teste.

No decorrer do texto, procuramos enfatizar a importância deste trabalho, buscando conceituar a Dislexia e seus efeitos, mostrando como se dá esse transtorno e quais os meios de intervenção é indicado. Procuramos abordar sobre o papel da escola frente ao aluno com Dislexia e a importância do diálogo e acompanhamento dos profissionais da educação com os profissionais da área da saúde, e na sequência, realizamos a descrição do jogo e análise dos resultados obtidos.

Partindo-se então, das observações levantadas, após um mês de treinamento com o

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

jogo das rimas, constatamos que os participantes demonstraram melhoras significativas em relação ao desenvolvimento da habilidade de consciência fonológica. Observamos que os casos mais leves de Dislexia apresentaram maior grau de desenvolvimento do que os participantes com estágios de Dislexia mais avançados, entretanto, todo o avanço é considerado positivo, independente do grau de melhora.

Diante disso, esperamos que este estudo possa contribuir para auxiliar os profissionais de ensino a trabalhar as dificuldades dos alunos com Dislexia, por meio de sugestões metodológicas, respeitando suas limitações e reconhecendo-os como seres humanos capazes que, mesmo com problemas de aprendizagem, podem vencer os obstáculos e construir seus conhecimentos.

Do mesmo modo, podemos manifestar que este trabalho contribuiu imensamente para o nosso processo de formação profissional, sendo que através dessas vivências e trocas de experiências com os profissionais da saúde que participaram da elaboração do jogo, aprendemos muitas coisas sobre o transtorno de Dislexia, podendo refletir sobre vários aspectos que até então não tinham sido pensados, principalmente sobre as questões das cores para formação das palavras, como pistas linguísticas para o aluno. Também, sobre as palavras "de partida" que não seguiam as mesmas cores das construídas pelos alunos, considerando-as neutras no processo de correlação grafo-fonêmicas, as quais, segundo a fonoaudióloga, deveriam servir como exemplo, apenas, para a relação do som/ rima. Identificamos, com esse jogo, que o aluno precisa esforçar o cérebro para alcançar a aprendizagem, precisa ser desafiado para que possa ir além e construir novos conhecimentos. Esse é nosso papel enquanto educadores que primam por uma educação igualitária e de qualidade, buscando cada vez mais, aprender a aprender para podermos ensinar nossos alunos, independente de suas limitações.

Após este estudo, os resultados foram compartilhados com as profissionais da saúde, que demonstraram satisfação com a evolução apresentada pelos participantes. Ressaltaram, também, a importância desse diálogo para buscar metodologias, que mesmo simples, podem ajudar no tratamento de crianças com Dislexia de forma interventiva e inclusiva. Além disso, é importante lembrar que os jogos devem ser usados como parte de uma abordagem mais abrangente para o tratamento e, é recomendável, que as crianças com disléxicas recebam apoio educacional e terapêutico adequado, como intervenção especializada, aconselhamento e suporte individualizado. Os jogos podem ser uma adição valiosa a esse processo, mas não

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

devem ser o único método de intervenção utilizado.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA- (ABD). Disponível em: http://dislexia.org.br/v1/index.php/health-living-c/140-como-interagir-com-o-dislexico-emsala-de-aula. Acesso em: 19 out. 2023.

ALMEIDA, Norma Martins de. **Aprendizagem:** normal e prejudicada**.** São Paulo: Santos Editora, 2009.

BATISTA, Jeize de Fátima. **O software como ferramenta de ensino:** estimulando a leitura em crianças e jovens diagnosticados com dislexia. Tese (Doutorado) - Centro Universitário Ritter dos Reis, Letras, Porto Alegre, 2017.

BERSCH, Rita; TONOLLI, José. **Tecnologia Assistiva**. 2006. Disponível em: https://www.assistiva.com.br/tassistiva.html. Acesso em: 19 out. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96)**. Ministério da Educação, 1996.

BRASIL. **Decreto nº 6571**. Brasília, 2008.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 19 out. 2023.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 19-38.

CÂNDIDO, Edilde da Conceição. **Psicopedagogia para a dislexia nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2013. Especialização em Psicopedagogia – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T208833.pdf. Acesso em: 19 out. 2023.

CAPELLINI, S. A.; CIASCA, S. M. Aplicação da Prova de Consciência Fonológica (PCF) em escolares com dificuldade na leitura. **Jornal Brasileiro de Fonoaudiologia**, n. 1, 1999.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva:** com os pingos nos "is". Porto Alegre: Mediação, 2014.

CASTRILLON, Luciana Maria Teixeira. Problemas de aprendizagem, soluções de aprendizagem: respostas instrucionais para as necessidades de cada aprendiz. *In*: ALVES, Luciana; MOUSINHO, Renata; CAPELLINI, Simone (orgs.). **Dislexia:** novos temas, novas perspectivas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.

Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024

CONDEMARIN, Mabel (org.). **Maturidade Escolar:** manual de avaliação e desenvolvimento das funções básicas para a aprendizagem escolar. Enelivros, 1986.

COSTA, Renata Gomes da. **Consciência fonológica em adultos da EJA**. 2012. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2012.

CUNHA NEVES, Maria da Graça G. **Investigação de Processos Neurolinguísticos de sujeitos com distúrbios significativos de leitura/ escrita em contextos acadêmicos**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Letras/Linguística Aplicada, Pelotas, 2014.

DANTAS, G. C. (orgs.). **Educação Inclusiva e Formação Docente:** olhares e perspectivas que se entrelaçam. 1. ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2020.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura:** como a ciência explica nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012. Acesso em: 19 out. 2023.

GONCALVES, A. C. T.; ZIESMANN, C. I.; BATISTA, J. F. Dislexia e os desafios do processo de ensino e de aprendizagem no ambiente escolar. *In*: ZIESMANN, Cleusa Inês; BATISTA, Jeize de Fátima; DANTAS, Nozângela Maria Rolim (orgs.). **Educação inclusiva e formação docente**: olhares e perspectivas que se entrelaçam. 1ed.Campinas-SP: Pontes Editores, 2020. v. 1. p. 13-31.

SNOWLING, Margaret J. **Dislexia**. 2. ed. São Paulo: Santos Editora Ltda., 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7.ed., 4. reimp. São Paulo: Editora Contexto, 2020. 192 p.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão**: um guia para educadores. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 127-150, jan./abr. 2024.
Recebido em: 23/10/2023 | Aceito em: 04/03/2024